G-STIC | Plenária de abertura “Toward an equitable and sustainable future”

Ministra de Estado da Saúde Nísia Trindade

Senhor Diretor-Geral da Organização Mundial da Saúde, Dr. Tedros Adhanom Ghebreyesus,

Senhor Diretor-Geral da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, Qu Dongyu,

Senhor Embaixador Macharia Kamau, do Ministério de Relações Exteriores do Quênia,

Senhor Enviado Especial do Secretário-Geral da ONU para Tecnologia, Amandeep Singh Gill,

Sua Alteza a Princesa Maria Esmeralda da Bélgica,

Senhora Phoebe Koundouri, Presidente da Associação Europeia de Economistas Ambientais e de Recursos,

Senhor Pedro Conceição, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento,

Senhoras e Senhores,

É com muita honra e alegria que participo dessa sessão plenária de alto nível sobre futuro sustentável e equitativo, acompanhada de atores tão fundamentais para o desenvolvimento de meios hábeis para o alcance global dessa nobre e desafiadora meta.

Cada autoridade hoje presente, em cada uma de suas esferas temáticas de competência e de suas instituições de origem, contribuirá tanto para os esforços e para a coordenação intersetoriais necessários ao alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, como para a riqueza das discussões de hoje, que vislumbram um futuro em que a ciência, a tecnologia e a inovação estejam a serviço e para o benefício de nossas sociedades e populações.

Quando participei da COP27, ainda como presidente da Fiocruz, enfatizei a importância da questão do clima para a saúde pública e a importância da Ciência, Tecnologia e Inovação na sua implementação. Agora, como Ministra, retomo o tema da Agenda 2030 nesse G-STIC, com a convicção da relevância dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável como melhor roteiro que temos para um mundo melhor, mais justo e mais saudável.

Parabenizo o presidente da Fiocruz, Mário Moreira, e a todos os colegas, pela organização da reunião do G-STIC no Brasil e pelo enfoque dado aos temas de saúde, em particular as discussões sobre preparação, prontidão e resposta às emergências em saúde, vigilância sanitária e produção local de vacinas, áreas prioritárias para a minha gestão frente ao Ministério da Daúde

Senhoras e senhores,

A pandemia de covid-19 ainda persiste, no Brasil e no mundo - e os desafios para seu enfrentamento se somam à urgência de preparar nossos sistemas de saúde nacionais, a arquitetura de saúde global e as nossas cadeias produtivas para potenciais emergências em saúde, à luz também da mudança do clima, da alta carga de doenças crônicas não transmissíveis e da rápida transição demográfica.

A pandemia também desnudou fragilidade das cadeias de produção e de distribuição global de vacinas, medicamentos e demais insumos necessários em situações de emergências de saúde pública, deixando os países e as populações pobres ainda mais vulneráveis. Precisamos agir para garantir a equidade no acesso justo a esses bens, sem deixar ninguém para trás.

No Brasil, durante a fase mais crítica da pandemia, a pesquisa, o desenvolvimento e a produção de insumos de saúde pública demonstraram a relevância da tecnologia e da cooperação internacional para o enfrentamento

de emergências de saúde pública. O desenvolvimento inicial de kits de testes pela Fiocruz, a transferência tecnológica recebida pelo Instituto Butantan e a Fiocruz para produzir vacinas contra a COVID-19, as atividades de capacitação da força de trabalhado nacionais e regionais, o monitoramento da situação e suas tendências e a parceria com os meios de comunicação para a circulação de informações de base científica para o público fizeram a diferença.

Estamos, nesse sentido, comprometidos em fortalecer nosso Complexo Econômico Industrial da Saúde e investir na produção nacional e regional de vacinas, medicamentos, equipamentos e demais insumos necessários para abastecer o Sistema Único de Saúde, o SUS, e para apoiar e cooperar outros países em desenvolvimento, principalmente na América Latina e no Caribe.

A Agenda de Ação de Adis Abeba, que aborda o financiamento da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, reconhece que a ciência, a tecnologia, a inovação e o conhecimento associado, incluindo a transferência de tecnologia, são poderosos impulsionadores do crescimento econômico e do desenvolvimento sustentável.

Uma das pautas prioritárias da minha gestão é a reconstrução do Complexo Econômico de Saúde do Brasil, que foi desmantelado nos últimos anos. O desenvolvimento da base produtiva e tecnológica para a produção nacional de bens que visam à construção de capacidades locais e à promoção da sustentabilidade dos sistemas nacionais de saúde é aliado crucial para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e da Cobertura Universal de Saúde.

Acreditamos que a informatização, a digitalização, a conectividade e a tecnologia da informação também podem apoiar o alcance da Agenda 2030 e da Cobertura Universal de Saúde, bem como de fortalecer nossa atenção à

saúde, e, por isso, criamos a Secretaria de Informação e Saúde Digital no Ministério da Saúde.

Entretanto, a tecnologia deve apoiar e sustentar a oferta e a qualidade dos sistemas e serviços de saúde, não o substituir ou o desestruturar. Devemos fomentar ações para corrigir assimetrias de acesso e de conhecimento, tanto em nível pessoal, como sistêmico, para o desenvolvimento de infraestrutura digital em áreas mais vulneráveis, pautados pelo controle e participação social e a construção coletiva.

Uma resposta alinhada e centrada na saúde ainda pode entregar um futuro em que as pessoas possam sobreviver e prosperar. Não temos mais como negligenciar o vínculo entre saúde e meio ambiente.

Quando participei da COP27, ainda como presidente da Fiocruz enfatizei a importância da questão climática para a saúde pública e a importância da Ciência, Tecnologia e Inovação na sua implementação.

Hoje, com base nas abundantes informações científicas detalhadas nos informes do IPCC e de outras iniciativas globais, podemos afirmar que a saúde global está em apuros profundos causados pela tripla crise: da pandemia de COVID-19, dos efeitos dos desafios de mais de 30 conflitos que colocam a paz mundial em perigo e da Crise Climática. Eles exacerbaram a vulnerabilidade do mundo a tais ameaças e afetaram profundamente a saúde e o bem-estar humanos. Também está bem documentado que o racismo sistemático e a discriminação corroem os princípios dos direitos humanos, incluindo o direito à saúde, resultando em consequências drásticas e injustas para a população mundial.

A COP27, sediada no sul global, inspirou algum progresso em elação as "Perdas e Danos" e o “Financiamento da Adaptação ". Apesar de ainda tímidos, estes avanços permitirão que os países em desenvolvimento obtenham cooperação e compensação adequadas dos países que historicamente têm sido as fontes mais significativas de emissões de gases

de efeito estufa. Esperamos que essa discussão continue evoluindo até a COP30 que esperamos sediar no Brasil.

Os países em desenvolvimento são os que menos fizeram para gerar a crise climática e estão experimentando o pior de seus impactos. Eles não podem se adaptar ao aumento de doenças infecciosas, dificuldade no suprimento de alimentos, ondas de calor extremas, inundações e outros efeitos à saúde relacionados ao clima.

O relatório do IPCC sobre Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade (WGII AR6), lançado no início deste ano, demonstra os enormes avanços na medição, geração de evidências, descrição de problemas e análise de modelagem prospectiva. Registra também a falta de ação sobre o problema climático que se agrava todos os dias, sobretudo para aqueles que já estão a pagar um preço elevado por algo que não escolheram nem contribuíram para a destruição do planeta.

As mudanças climáticas estão afetando a disseminação de doenças infecciosas, aumentando os riscos de doenças emergentes e epidemias. O relatório também acrescenta que as mortes relacionadas ao calor aumentaram 68% entre 2000-04 e 2017-21. As águas costeiras estão se tornando mais adequadas para a transmissão de patógenos do Vibrio; o número de meses adequados para a transmissão da malária aumentou 31% nas áreas montanhosas das Américas e 13% nas regiões montanhosas da África de 1951-60 a 2012-21. A probabilidade de transmissão da dengue aumentou 12% no mesmo período. A coexistência de surtos de dengue com a pandemia de COVID-19 levou a uma pressão agravada sobre os sistemas de saúde, erros de diagnóstico e dificuldades no manejo de ambas as doenças em muitas regiões da América do Sul, Ásia e África.

A CT&I desempenha um papel crítico para a saúde pública fornecendo soluções inovadoras para alcançar o acesso e a cobertura universal à saúde, incrementar o uso da saúde digital para melhorar a eficiência dos sistemas

de saúde, ampliar a prevenção e tratamento de doenças através do desenvolvimento de testes, vacinas e novos tratamentos, a promoção da saúde mental e a atenção às populações vulnerabilizadas pelo racismo e discriminação sistemática. A CT&I também é importante para os outros ODS relacionados à saúde como o acesso à água potável e saneamento, a promoção de cidades seguras, a defesa da biodiversidade, o combate à crise climática, a segurança alimentar e nutricional, a igualdade de gênero e a erradicação da pobreza.

Através da Fiocruz e da Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde, iremos apoiar na orientação da pesquisa que de acordo com o "Roteiro de Pesquisa da ONU para a Recuperação Pós-Covid-19" ajudem a avançar na compreensão dos determinantes ambientes e sociais da saúde e do bem-estar e apontem as ações que em colaboração com a comunidade internacional, a sociedade civil, a academia e o setor privado podem representar avanços do SUS e da Saúde Global.

Como símbolo do nosso compromisso com o desenvolvimento sustentável e com a saúde única, ou One Health, a Secretaria de Vigilância em Saúde foi transformada em Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. Uma resposta alinhada e centrada na saúde ainda pode entregar um futuro em que as pessoas possam sobreviver e prosperar.

Senhoras e Senhores,

Mesmo que novos desafios surjam, como a necessidade de fortalecer a saúde digital o desenvolvimento tecnológico em saúde e o impacto de mudanças do clima causadas pelo homem, precisamos nos lembrar de tradicionais obstáculos à saúde e ao bem-estar de nossos povos, e ao gozo dos direitos humanos.

Continuaremos trabalhando para a garantia do direito à saúde, com atenção aos determinantes sociais, econômicos e ambientais da saúde.

Estamos trabalhando para tornar realidade o Conselho Nacional de Determinantes Sociais da Saúde.

Daremos atenção plena às ações de enfrentamento ao racismo estrutural. Atuaremos em estreita coordenação com o Ministério da Igualdade Racial para garantir à população negra brasileira pleno acesso à saúde. É de extrema preocupação, inclusive do ponto de vista da saúde, a violência contra a juventude negra no Brasil.

Digo o mesmo em relação ao combate às desigualdades de gênero. A Ministra Cida Gonçalves encontrará no Ministério da Saúde um aliado de primeira hora para garantir a atenção integral à saúde da mulher. Nesse particular, destaco que fortaleceremos o acesso às ações e serviços de saúde sexual e reprodutiva e de saúde mental. Entendemos a atenção à saúde sexual reprodutiva como um direito humano e, portanto, como uma obrigação permanente do Estado.

Destacamos nosso compromisso com o enfrentamento à má nutrição em todas as suas formas e com a eliminação das doenças negligenciadas. Estamos atuando para ampliar as coberturas vacinais de nossa população e para combater a desinformação.

Reiteramos nossa disposição em desenvolver políticas que reduzam as desigualdades em saúde. Estamos trabalhando incessantemente para mitigar a crise humanitária em território Yanomami, e contamos com o apoio de todos para a defesa do bem-estar e da saúde dos povos indígenas. Declaramos a Emergência Nacional de Saúde Pública e temos dedicado esforços especiais para atender a população. Entre 16 e 28 de janeiro, houve a entrega de 2,9 mil cestas alimentícias na região de Surucucu e 770 em Auaria. Para os próximos dias são esperadas a entrega de mais 4,9 mil. Foram mais de 1,1 mil horas de voo realizadas, 90 toneladas de insumos e equipamentos deslocados e 618 pessoas transportadas. Ainda resta muito a fazer para enfrentar a dimensão da crise vivida pelo Yanomami.

Essas são as direções que seguimos. Temos a esperança – e a determinação – de avançar de forma decisiva neste governo Lula que recém se inicia na reconstrução da saúde brasileira e no atendimento aos legítimos pleitos do povo brasileiro por um ambiente sano e uma vida digna e com o mais alto padrão atingível de saúde física e mental.

Obrigada.